PALAVRAS E IMAGENS: A MÍDIA COMO RECURSO METODOLÓGICO EM SALA DE AULA

Adriana Milharezi Abud
Universidade de Taubaté
adriana.abud@vivax.com.br

Sílvia Regina Ferreira Pompeo Araujo
Universidade de Taubaté
silviapomp@uol.com.br

RESUMO

Observamos em nossa sociedade uma multiplicidade de gêneros discursivos e uma constante proliferação de imagens que se interagem e compõem significações, como podemos notar tomando como partida uma fotografia, que pretende retratar um determinado fato. Em razão disso, o objetivo do presente trabalho é apresentar uma proposta de atividades desenvolvidas em sala de aula, para contribuir na formação de profissionais docentes, repensando práticas sobre a linguagem. Diante disso, apoiamo-nos no conceito de gênero discursivo bakhtiniano, nas teorias sobre leitura de Kleiman e Solé, nas considerações de escrita e imagem presentes em Walty, Fonseca e Cury e nos conceitos de semiótica de Santaela. Foi desenvolvido um trabalho em sala de aula que buscou associar imagem e texto. A inspiração para o desenvolvimento dessas ações foi a publicação semanal da Revista da Folha, na seção Olhar, em que aparece uma crônica baseada em uma fotografia da seção Recreio, publicadas na mesma página da revista. Ressaltamos que a fotografia foi previamente publicada no jornal Folha de S. Paulo para ilustrar uma determinada notícia. Em analogia ao trabalho da Revista da Folha, foi solicitado aos alunos do curso de Jornalismo que trouxessem para a aula uma fotografia para leitura, observando aspectos relevantes da imagem e acionando os conhecimentos prévios. Depois os alunos deveriam produzir uma crônica a partir da foto. O resultado do trabalho apontou para o fato de que os alunos trazem as suas histórias de vida e as representações de família. Outros aspectos observados dizem respeito à elaboração de crônicas a partir de fotos que ilustravam realizações pessoais. Dessa forma, as imagens trazidas carregam uma significação cultural, permitindo ao leitor e produtor de textos realizar leituras múltiplas e relacioná-las com outros textos. Concluímos que a leitura sempre é parte de uma rede de textos e de sentidos construídos num processo intertextual em que o leitor é o articulador das significações.

Palavras-chave: leitura, imagem, gênero discursivo.

1. INTRODUÇÃO

Devido à utilização em larga escala de computadores, conexões sem fio e outras tecnologias, comunicar-se e buscar informações tornou-se imperioso na atualidade. A veloz introdução de novas mídias na sociedade permite o contato com um vasto número de gêneros discursivos. A presença desses gêneros e, consequentemente, o estudo aprofundado que a Linguística tem efetuado sobre essa modalidade comunicativa, permite elaborar um estudo com as linguagens midiáticas, que ocorrem de maneira complexa e dinâmica, propondo uma intercambialidade entre educação e comunicação, fazendo uso do suporte teórico proporcionado pela Linguística. Citelli (2004, p. 140) afirma que:

> dizer que os termos "comunicação" e "educação" aproximaram-se bastante em nosso tempo significa reconhecer, quando o campo de reflexão é a escola, que as experiências videotecnológicas já estão nas salas de aula, malgrado sob a forma de uma "não-presença", pois tanto as crianças como os professores vivem num espaço social mediatizado por mensagens televisivas, radiofônicas, jornalísticas, etc., capazes de provocar alterações nos comportamentos, criar referências para o debate público, influenciar na tomada de decisões, além de revelar, muitas vezes, os próprios limites do discurso pedagógico.

Destacamos, de modo especial neste trabalho, a importância e a influência do discurso jornalístico impresso, com sua dinamicidade e mudança adequadas ao tempo, refletindo a história das práticas sociais de linguagem.

Os meios de comunicação de massa, em especial o jornal neste estudo, trazem em seu bojo um grande leque de gêneros discursivos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para os terceiros e quartos ciclos do ensino fundamental - PCN (BRASIL, 1998), devem-se privilegiar gêneros discursivos que ocorrem em situações reais de comunicação no cotidiano para que o estudo seja efetivo, ou seja, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem, como é o caso do uso do jornal.

Nessa perspectiva, destacamos a importância de se abordar os processos envolvidos no ato de leitura, uma vez que o jornal é lido em seus diferentes aspectos - fotografias, ilustrações, gráficos, mapas - possui ampla circulação social, e assim consideraremos as possibilidades de leitura, releitura e escrita com desdobramentos interdisciplinares.

Dessa forma, objetivo do presente trabalho é apresentar uma proposta de atividades desenvolvidas em sala de aula, com um duplo propósito: desenvolver o gosto

pela leitura de crônicas e fazer com que o aluno torne-se autor de sua própria crônica. Ao partilhar esta proposta, também se pretende contribuir com a formação continuada de profissionais docentes de áreas como Comunicação Social e Letras, repensando práticas a partir de reflexões sobre a linguagem tanto como objeto de estudo quanto como recurso mediador de processos de ensino e aprendizagem.

Para desenvolvermos nosso artigo, adotamos a seguinte organização: após a introdução, apresentamos os pontos teóricos que respaldam nossa prática. Apoiamo-nos no conceito bakhtiniano de gênero discursivo e na concepção de leitura constante em Kleiman (1999, 2004). Na sequência, tecemos considerações gerais sobre a crônica, sem ter a pretensão de esgotar o assunto. A seguir, apresentamos reflexões sobre a importância do diálogo entre educação e comunicação, num campo interdiscursivo e interdisciplinar, apontando para o fato de que toda relação comunicativa pode transformar-se numa relação educativa. Nesse sentido, os autores que apoiaram os estudos foram Barbosa (2005) e Citelli (2004). Depois apresentamos nossa metodologia de trabalho para se proceder a leitura e escrita da crônica. Finalizamos nosso artigo com a conclusão.

Como o jornal é um meio de comunicação extremamente rico e traz uma multiplicidade de gêneros discursivos, e que, conforme Bakhtin (1997), o gênero discursivo abarca uma gama de recursos linguísticos empregados com finalidades e sentidos específicos, numa relação dinâmica e complexa com o mundo, consideramos fundamental uma breve explanação sobre o conceito de gênero discursivo.

2. O CONCEITO DE GÊNERO DISCURSIVO

De acordo com as definições dos estudiosos Bakhtin (1997), Marcuschi (2006, 2008) e Fiorin (2006), os gêneros discursivos são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por conteúdos temáticos, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade. Conforme Marcuschi (2008, p. 163):

> A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a idéia de que a língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. O funcionamento de uma língua no dia-a-dia é, mais do que tudo, um processo de integração social. Claro que não é a língua que discrimina ou que age, mas nós que com ela agimos e produzimos sentidos.

O gênero estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Dessa forma, os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Fiorin (2006, p. 69) afirma ainda que:

> O gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança. De um lado, reconhecem-se propriedades comuns em conjuntos de texto; de outro, essas propriedades alteram-se continuamente. Isso ocorre porque as atividades humanas, segundo o filósofo russo, não são nem totalmente determinadas nem aleatórias. A reiteração possibilita-nos entender as ações e, por conseguinte, agir; a instabilidade permite adaptar suas formas a novas circunstâncias.

Assim, novas formas de perceber a realidade e de conceituá-la implicam o surgimento de outros gêneros e modificações dos já existentes. Os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem novos gêneros, numa interação intencional, evidenciando-se assim a plasticidade e dinamicidade dos gêneros. Isso fica comprovado no caso de um gênero que assume a função de outro, como é típico das publicidades. Diante desse fato, verificaremos a ocorrência da crônica que pode estar baseada em um artigo de opinião, em uma notícia, em uma reportagem ou até mesmo em uma fotografia ilustrativa de um desses gêneros discursivos.

Entendemos, portanto, a importância de se apresentar algumas considerações sobre o processo de leitura e, a seguir, apresentar característica do gênero discursivo analisado: a crônica.

3. A LEITURA DE GÊNERO DISCURSIVO VEICULADO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA COMO INSTRUMENTO PARA EDUCAÇÃO

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura, tornando-se uma extensão da escola na vida das pessoas. Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema de instrução e se constitui em uma grande preocupação de educadores. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido por meio da leitura, feita inclusive fora da escola. Grande parte dos problemas que os alunos enfrentam ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura. Há a necessidade da escola ensinar os alunos a ler e a entender não somente as histórias das antologias, mas também textos específicos de cada área e do cotidiano, para cumprir a função de instrumentalização do educando.

A compreensão da leitura é uma atividade individual, de assimilação de conhecimentos, de interiorização e de reflexão. À medida que lê, o leitor traz para o texto conhecimentos adicionais, oriundos de seu modo pessoal de interpretar o que leu, tendo em vista toda a sua história como leitor e falante de uma língua, os denominados conhecimentos prévios do leitor que são acionados no momento de leitura. Ao ler um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o sistema de valores, crenças, atitudes que refletem o grupo social em que ocorreu a sociabilização primária, ou seja, o grupo social em que o indivíduo foi criado. A leitura, dessa forma, é um processo cognitivo por excelência. Estabelecer estratégias de leitura representam um ganho para a compreensão de textos da área acadêmica.

Nesse sentido, as estratégias de leitura foram sistematizadas para que permitissem ao aluno desenvolver a metacognição durante o processo de leitura, isto é, a reflexão sobre o próprio saber. Kleiman afirma:

> Quando falamos de estratégias de leitura, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal e não verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira com que ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê. (KLEIMAN, 2004, p. 49)

Assim, a autora propõe o estabelecimento de três estratégias, que são: a leitura global, a completa e a detalhada, explicitadas a seguir.

A leitura global apresenta como característica central a leitura do texto como um todo, observando o título, o subtítulo, a fonte, as ilustrações, os gráficos, o autor, a data, o gênero discursivo e a elaboração de hipóteses sobre o conteúdo do texto. O importante nessa parte é levantar hipóteses, que poderão ser confirmadas ou não, é fazer predições sobre o texto de tal forma que o acervo de conhecimentos prévios sejam ativados, a fim de que contribuam para a compreensão do texto. Mediante a interação de diversos níveis de conhecimento de mundo que o leitor consegue construir o sentido do texto, tecendo redes de relações.

A leitura completa consiste na leitura integral do texto, de forma atenta, que permita ao leitor identificar os pontos principais e secundários; a sua estruturação e lógica, e também permita resumir o texto, recontá-lo total ou parcialmente.

Já a leitura detalhada apresentará como eixo predominante a explicitação dos operadores argumentativos e sua relevância para a construção da argumentatividade. Com essa estratégia de leitura, o leitor poderá perceber a importância da análise das

pistas linguísticas e não-linguísticas do texto e inferir sobre as prováveis intenções do autor ao tecer o texto. Kleiman em suas análises sobre o processo de leitura, afirma:

> O caráter interacional da leitura, que pressupõe a figura de autor presente no texto através das marcas formais que atuam como pistas para a reconstrução do caminho que ele percorre durante a produção do texto. A capacidade de análise das pistas formais para uma síntese posterior que defina uma postura do autor é considerada essencial à compreensão do texto. A reconstrução de uma intenção argumentativa é considerada ainda como um pré-requisito para o posicionamento crítico do leitor frente ao texto. (KLEIMAN, 1999, p. 80)

Dessa forma, percebemos que a leitura é uma atividade complexa que envolve processos cognitivos múltiplos na atividade em que o leitor se engaja para a construção do sentido de um texto. Dessa forma, Kleiman afirma:

> a compreensão do texto envolve o entendimento de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos e intenções, muitas vezes de ações e de motivações, uma vez que a compreensão verbal inclui desde a percepção de uma charada, de uma propaganda até de uma obra artística. (KLEIMAN,1999, p. 81)

Os PCN de Língua Portuguesa para o terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental também corroboram o fato de que há a necessidade de se trabalhar a leitura em situações concretas do cotidiano, em usos públicos de linguagem, como é o caso de leitura de textos de jornal e suas respectivas imagens, ao afirmar:

> A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até há bem pouco tempo – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. A necessidade de atender a essa demanda, obriga à revisão substantiva dos métodos de ensino e à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução. (BRASIL, 1998, p. 23)

Assim, a compreensão do processo de leitura é importante, pois torna possível o planejamento de estratégias e o delinear de objetivos específicos com base bem fundamentada para uma compreensão eficaz.

O estabelecimento de objetivos de leitura são importantes para compreensão. Kleiman (1999, p. 30) afirma que "Há evidências inequívocas de que nossa capacidade de processamento e de memória melhora significativamente quando é fornecido um objetivo para uma tarefa", ou seja, somos capazes de lembrar muito melhor quando possuímos um objetivo de leitura. Diante disso, o adulto ou mediador do processo de leitura poderá propor atividades nas quais a clareza de objetivos e a predição sejam centrais, favorecendo contextos para o desenvolvimento e aprimoramento de estratégias na leitura.

Conhecer e controlar nossos processos cognitivos são passos certos no caminho que leva à formação de um leitor que percebe relações, que forma relações com um

contexto maior, que descobre e infere informações e significados mediante estratégias cada vez mais flexíveis e originais. Isto não quer dizer que compreender um texto seja apenas considerá-lo um ato cognitivo, pois a leitura é uma prática social que remete a uma enorme gama contextual. Portanto, desenvolver com os alunos as estratégias de leitura como as acima apresentadas podem se constituir num avanço para a compreensão leitora e proporcionar ao aluno, paulatinamente, o desenvolvimento de sua capacidade de perceber a relação entre a função do texto e sua intencionalidade, isto é, não é suficiente analisar como a linguagem funciona no texto, mas também como a linguagem está a serviço das intenções do autor.

Diante disso, consideramos importante expor sucintamente algumas especificidades sobre o gênero discursivo crônica.

4. O GÊNERO DISCURSIVO "CRÔNICA"

A palavra crônica, em sua origem, está associada ao vocábulo "khrónos" (grego) ou "chronos" (latim), que significa "tempo". Para os antigos romanos, a palavra "chronica" designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Esse sentido também predominou nos países europeus.

No Brasil, a crônica contemporânea, também voltada para o registro jornalístico do cotidiano, surgiu com a expansão dos jornais no país. Escritores como Machado de Assis e José de Alencar começaram, por volta do século XIX, a usar as crônicas para registrar, de modo mais literário ou mais jornalístico, os fatos corriqueiros de seu tempo.

A crônica é um gênero que ocupa o espaço de entretenimento, da reflexão mais leve. Representa uma pausa para o leitor, fatigado com textos mais densos. Ao escrever, o objetivo dos cronistas é emocionar e envolver seus leitores, fazendo-os refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, por meio de olhares irônicos, sérios, poéticos, mas sempre atentos.

A crônica está presente em jornal que, em vez de relatar ou comentar acontecimentos do dia, oferece reflexões sobre literatura, teatro, política, acidentes, crimes e processos, e sobre os pequenos fatos da vida cotidiana; enfim, sobre diversos assuntos. A crônica sempre se prende à atualidade. Pode ser tendenciosamente crítica, mas sem

agressividade. Devido aos vários enfoques e abordagens das crônicas, há uma subclassificação, dentre as quais podemos citar:

1. Crônica descritiva: quando uma crônica explora a caracterização de seres animados e inanimados num espaço, precisa como uma fotografia;

2. Crônica narrativa: apresenta por eixo uma história, o que a aproxima do conto. Pode ser narrada tanto na primeira quanto na terceira pessoa do singular, é comprometida com fatos cotidianos;

3. Crônica dissertativa: quando ocorre uma opinião explícita, com argumentos mais sentimentalistas do que racionais;

4. Crônica narrativo-descritiva: quando uma crônica explora a caracterização de seres, descrevendo-os, ao mesmo tempo em que mostra fatos cotidianos comuns;

5. Crônica humorística: apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos apresentados;

6. Crônica lírica: há uma linguagem poética e metafórica, expressando o estado do espírito, as emoções do cronista diante de um fato, pessoa ou fenômeno;

7. Crônica jornalística: apresenta aspectos particulares de notícias ou fatos, quer do âmbito policial, esportivo ou político;

8. Crônica histórica: quando o assunto é referente a fatos reais, ou fatos históricos.

De maneira geral, a crônica capta um momento, um flagrante do dia a dia. O desfecho, embora possa ser conclusivo, não é a resolução do conflito, cabendo à imaginação do leitor e a seus conhecimentos prévios buscar suas próprias conclusões. Os fatos cotidianos e as personagens descritas podem ser reais ou não, portanto a crônica não se prende à objetividade como as notícias de jornal ou reportagens. Devido ao fato da crônica predominantemente estar inserida em um jornal, consideramos importante fazer a relação entre a educação e a comunicação.

5. DIÁLOGO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Apresentaremos, neste capítulo, o importante papel que os meios de comunicação de massa podem exercer ao serem utilizados como instrumentos de análise, reflexão e conhecimento dentro do ambiente da sala de aula.

Atualmente temos o papel singular que os veículos de comunicação passaram a exercer no mundo contemporâneo, com a disponibilização da rede de computadores, sistemas digitais, rádios, revistas, televisão que inundam o ser humano de informações, numa velocidade acelerada, impondo um ritmo frenético de consumo de mensagens. Esses fatores acarretam uma modificação na noção de tempo, que se apresenta reduzida, causando a sensação de que nunca se tem tempo para assimilar todas as informações, causando a sensação de se estar aquém do padrão esperado socialmente e, consequentemente, sem tempo para refletir sobre os assuntos, num movimento ideológico de redução da disponibilidade temporal.

Tal fato requer uma recolocação do papel da instituição escolar, em seu aspecto formal, numa perspectiva que contemple a leitura crítica dos meios de comunicação, suas condições de produção e sua função na sociedade.

Destacamos, de modo especial neste trabalho, a importância e a influência do discurso jornalístico. Com textos de gêneros variados, fotografia e recursos gráficos, os jornais são uma fonte de pesquisa e de obtenção de informação sobre o mundo atual, levando-nos a conhecer os principais fatos que estão acontecendo no mundo e nos ajuda a compreender melhor a realidade que nos cerca. A imprensa não se restringe a relatar os fatos, mas também os comenta e interpreta. É comum vermos textos jornalísticos dialogarem entre si, não só no mesmo exemplar, como de um dia para o outro, como por exemplo, um fato é notícia num dia determinado e, nos outros dias, pode ser tema de editorial, artigo de opinião, de reportagens de entrevista e de uma crônica.

Diante disso, a escola pode tornar-se um espaço privilegiado para discussão dos gêneros discursivos presentes em um jornal, bem como de diversas informações televisivas, quer pertencentes ao discurso jornalístico ou publicitário entre outros. Citelli afirma que:

> Posto de outro modo, dizer que os termos "comunicação" e "educação" aproximaram-se bastante em nosso tempo significa reconhecer, quando o campo de reflexão é a escola, que as experiências videotecnológicas já estão nas salas de aula, malgrado sob a forma de uma "não-presença", pois tanto as crianças como os professores vivem num espaço social mediatizado por mensagens televisivas, radiofônicas, jornalísticas, etc., capazes de provocar alterações nos comportamentos, criar referências para o debate público, influenciar na tomada de decisões, além de revelar, muitas vezes, os próprios limites do discurso pedagógico. (CITELLI, 2004, p. 140)

Por isso é importante fazer propostas de leitura com gêneros discursivos que estejam presentes no cotidiano dos alunos e que façam sentido para sua formação, num

comprometimento com um ensino crítico e esclarecedor das realidades comunicacionais. Citelli também afirma:

> Entendido o papel singular que os veículos de comunicação passaram a exercer no mundo contemporâneo, agora com o aporte dos novos meios disponibilizados pela informática, pelos sistemas digitais, pelas redes de computadores, e que orientam uma revolução nos diferentes âmbitos da cultura, da história, dos fluxos econômicos, das sociabilidades, etc., é compreensível que o tema da educação, particularmente no seu âmbito formal, tenha se recolocado numa perspectiva diferenciada e que requisita, de maneira crescente, o estreitamento dialógico com informações e conhecimentos gerados em fontes indiretamente escolares. (CITELLI, 2004, p. 137)

Concluímos que estabelecer um diálogo entre os veículos de comunicação de massa e a leitura em sala da aula representa um ganho para as práticas escolares ao trazer questões do interesse dos alunos em situações reais de sua realização. Perceber e apreender as relações de produção se sentidos de mensagens midiáticas são importantes para que o discurso escolar possa desenvolver, com possibilidades múltiplas e mais proficientes, estratégias adequadas de exercícios de leitura e da escrita. Marcuschi (2008, p 173) observa que:

> Com efeito, quando nos indagamos a respeito dos limites da aula de língua, ou da inserção da aula de língua na vida diária, estamos nos indagando sobre o papel da linguagem e da cultura. Nessa visão, é possível dizer que a aula de língua materna é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente interno ao sistema da língua e vai além da atividade comunicativa e informacional. O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. Isto é um convite claro para o ensino situado em contextos reais da vida cotidiana.

6. METODOLOGIA E RESULTADOS

A partir dessas considerações, foi desenvolvido um trabalho em sala de aula que buscou associar imagem e texto. A fonte inspiradora para o desenvolvimento dessas ações foi a publicação semanal da *Revista da Folha*, especificamente a seção *Olhar*, na qual aparece uma crônica baseada em uma fotografia da seção *Recreio*, ambas publicadas na mesma página da revista.

Cumpre ressaltar que a fotografia foi previamente publicada no jornal *Folha de S. Paulo* para ilustrar uma determinada notícia.

Em analogia ao trabalho da *Revista da Folha*, foi solicitado aos alunos do primeiro ano do curso de Jornalismo da Universidade de Taubaté que trouxessem para a aula uma fotografia que lhes despertasse a atenção, que fosse instigante. Inicialmente

fizeram uma leitura da fotografia, num processo de interação promovido por uma rede de leituras.

Foi pedido para que os alunos observassem alguns aspectos como:

- O que a imagem apresenta?

- Como apresenta?

- Quem ou o que está retratado na imagem?

- Há sugestão de movimento ou emoções?

- É possível identificar a que tempo a imagem pertence?

O propósito desses questionamentos era o de retornar a discussão sobre as diferentes possibilidades de leitura que um texto nos oferece e acionar os conhecimentos prévios dos alunos.

Depois desses levantamentos, os alunos deveriam produzir uma crônica a partir da foto, num processo de interação promovido por uma rede de leituras. O resultado do trabalho apontou para o fato de que os alunos trazem as suas histórias de vida e as representações que possuem de família, devido ao número significativo de fotos dos próprios alunos com seus familiares. Outros aspectos observados dizem respeito à elaboração de crônicas a partir de fotos que ilustravam realizações pessoais e atividades cotidianas; portanto, representativas da realidade circundante desses alunos.

Dessa forma, as imagens trazidas para a sala de aula carregam uma significação cultural, com traços psicológicos, afetivos, religiosos entre outros, permitindo ao leitor e produtor de textos realizar leituras também múltiplas e relacioná-las infinitamente com outros textos.

7. CONCLUSÃO

Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem. O domínio da leitura é indispensável para a democratização do acesso ao saber e da cultura letrada e a apropriação de estratégias de leitura diversificadas, conforme as propostas neste artigo, com a utilização do jornal, pode representar um ganho para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para o desenvolvimento global, como o cognitivo, ao possibilitar estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitu-

ra, como vimos, também está associada ao sistema emocional do leitor; finalmente a capacidade verbal, que contribui para a melhora do conhecimento da língua e de suas condições de uso, ao observar como os textos se moldam às situações de comunicação, com um modo de organização e com formas peculiares que representam regularidades caracterizadoras de gêneros discursivos, que puderam vivenciar ao produzir suas próprias crônicas.

Concluímos que a leitura e a escrita sempre é parte de uma rede de textos e de sentidos construídos num ininterrupto processo intertextual. Assim, a leitura, quer seja de imagem, quer seja de escrita, é intertextualidade, aqui entendida como leituras cruzadas dos diferentes textos presentes na sociedade em que o leitor é o articulador das significações. Cabe a ele e ao produtor da crônica tecer os fios, destecer os nós, ao mesmo tempo em que trama outros fios e ata outros nós.

Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, relações públicas, políticos, administradores, advogados, professores, publicitários, é importante que saibam compreender os diferentes gêneros discursivos, adaptando-se às exigências de cada esfera de atuação. Assim, consideramos o conhecimento linguístico um instrumento de comunicação e guia para a adaptação às exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes,1997.

BARBOSA, Ivan Santo. Os sentidos da publicidade: estudos interdisciplinares. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF. 1998.

CARRASCOZA, João Anzanello. Redação Publicitária - estudos sobre a retórica do consumo. São Paulo: Futura, 2003.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação. A linguagem em movimento. 3ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, Ângela. Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____ Oficina de Leitura: Teoria e Prática. 10ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gênero e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. , GAYDECZKA, B. , SIEBENEICHER, B. Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

SANDMANN, Antonio José. A linguagem da propaganda. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

VESTERGAARD, Torben & SCHRODER, Kim. A linguagem da propaganda. São Paulo: Martins Fontes, 2004.